

**CÉLULAS RENAIIS NA ARTE RUPESTRE BRASILEIRA:
UMA CARTOGRAFIA DO CORPO HUMANO**

**RENAL CELLS IN THE BRAZILIAN RUPESTRIAN ART:
A CARTOGRAPHY OF THE HUMAN BODY**

Silvia Ferreira Lima / UNICAMP

RESUMO

Esta é uma pequena parte do que desenvolvemos em nossa tese, com a cartografia do corpo humano; que se detém na comparação entre uma imagem da arte rupestre brasileira e a forma microscópica de nossas células renais. Afinal, o objetivo é a busca de nossa essência, o que toda a humanidade possui em comum. Logo, existe a representação da abertura do corpo, seus órgãos e células, traçando uma cartografia do território a ser explorado: nós mesmos, nossa imagem e o que ela representa. Com este intuito, há referências como: a antropologia dos povos antigos de Mircea Eliade, a leitura do inconsciente de Carl Jung, o corpo e seus símbolos de Jean-Yves Leloup, entre outros, para a produção de um trabalho artístico com gravura.

PALAVRAS-CHAVE: gravura; células renais; símbolos; arte rupestre.

ABSTRACT

This is a small part from our doctorate research about a cartography of the human body; which stands in the comparison between an image of Brazilian rupestrian art and the microscopic form of our renal cells. After all, the goal is the search for our essence, which all humanity has in common. Therefore, there is the representation of the opening of the body, its organs and cells, mapping the territory to be explored: ourselves, our image and what it represents. For this purpose, there are references such as: the anthropology of the ancient peoples of Mircea Eliade, the reading of the unconscious of Carl Jung, the body and its symbols of Jean-Yves Leloup, among others, for creating an artwork with engraving.

KEYWORDS: engraving; renal cells; symbols; rupestrian art.

Células renais na arte rupestre brasileira: uma cartografia do corpo humano

As diversas escolas filosóficas da Antiguidade e as práticas ascéticas cristãs compartilham uma visão dualista da ascese: a ascese é sempre do corpo e da alma. A ascese corporal visa, no fundo, uma ascese da alma...A modificação ascética de si mesmo se depreende da vontade de exercer o poder político sobre os outros... Ocupar-se consigo é ocupar-se dos outros, colocando a justiça no centro mesmo do cuidado. (ORTEGA, 2008, p.23-25).

Começamos discorrendo que as escolas filosóficas da Antiguidade e as práticas ascéticas cristãs compartilham da visão dualista da ascese, que é sempre do corpo e da alma. Mesmo Foucault já afirmava que ocupar-se consigo mesmo é ocupar-se do outro. Assim, a ascese é uma prática libertária que possui uma dimensão política e moral; uma vez que já na antiguidade anterior à cultura clássica o homem só poderia produzir ferramentas, ou ainda presidir o preparo dos metais, na metalurgia, se fosse ascético. A arte surge desta preocupação, pelo menos conforme nos diz Mircea Eliade em *Cosmologia e Alquimia Babilônicas*.

E o corpo sempre foi uma preocupação artística, conforme atestam Leonardo Da Vinci, a produção do fígado de Piacenza, ou ainda, a arte rupestre brasileira.



Figura 1: PA Monte Alegre, Serra da Lua In JORGE, Marcos; PROUS, André e RIBEIRO, Loredana, *Brasil Rupestre*. Curitiba, Zencrane Livros, 2007, p. 218.

Nesta imagem, vemos uma figura feminina destacando seu interior, provavelmente sua gravidez e duas figuras femininas estilizadas aos lados. Notamos que as imagens em ambos os lados possuem acima do corpo uma forma circular, com pontilhados, que identificamos num livro de grafismos indígenas brasileiros, representar a figura feminina. O interessante, porém, foi encontrar em livros de biologia um desenho semelhante, simbolizando os néfrons e as células renais, que nos serviu de modelo para a produção de xilogravuras e serigrafias. Conforme demonstramos a seguir.



Figuras 2 e 3: LIMA, S. *Alegria*. 2017.

Xilogravura sobre papel japonês nas cores vermelha e marrom, com recorte e colagem sobre cartolina preta, dimensão 21x29 cm

Logo, este trabalho começou com um estudo artístico-anatômico, utilizando noções de ciência com o objetivo de abrir nossos limites físico-corporais em busca de imagens que nos determinassem enquanto seres humanos. Neste sentido, chegamos à imagem dos rins produzido por Leonardo Da Vinci, bem como às células renais, encontradas em livros de anatomia e de biologia humana, que discorrem acerca da incrível variedade: duzentos formatos de células diferenciadas de acordo com sua função no organismo. Entre elas, identificamos as células renais. Às quais damos mais atenção neste artigo.

Porém, começamos com a produção de xilogravuras dos rins. Conforme demonstramos a seguir:



Figura 4: LIMA, S. *Irrigação*. 2015. Xilogravura em vermelho sobre papel alta alvura 220g. Dimensões 40x60cm

E como iniciamos nossa produção, com o corpo e seus órgãos, buscamos referências no filósofo carioca Francisco Ortega, em seu livro *Corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Utilizamos sua preleção sobre ascetismo, mas principalmente suas afirmações acerca da cultura contemporânea e como esta vê o corpo.

Os estereótipos atuais contra os gordos, idosos e outras figuras que fogem o padrão do corpo ideal tem o mesmo efeito estigmatizador e excludente...A ênfase na autonomia individual está ligada à desmontagem do estado de assistência e trata os indivíduos dependentes com desconfiança, como 'parasitas sociais'. (ORTEGA, 2008, p.35-36)

Por isso, vivemos numa sociedade excludente que valoriza a saúde e a forma física, culpando o doente por sua fraqueza e padronizando modelos de corpo e comportamento, que supervalorize a forma física. Conseqüentemente, exclua aqueles que sejam diferentes nesse sentido. Entretanto, uma característica contemporânea que nos interessa é a busca do invisível, o que existe dentro do corpo de cada um e ao mesmo tempo em que nos abre, demonstra o quanto somos semelhantes enquanto espécie.

Nesse século, o entusiasmo por ver o invisível conserva-se vivo entre cientistas, médicos, advogados, artistas e o público leigo...Por

que trazer à luz o que deve permanecer oculto? ... por dentro todos somos semelhantes, imutáveis, a não ser à custa do funcionamento de nossos órgãos psíquicos e corporais ou, inversamente, de uma intervenção feita com o propósito de remover alguma disfunção... o interior do corpo está sendo colonizado, não só pelas técnicas de visualização, mas também como superfície de inscrição para tentativas de singularização. (ORTEGA, 2008, p.73)

Francisco Ortega comenta o trabalho de Orlan e Stelarc e as intervenções que eles produzem dentro dos próprios corpos. Talvez com o intuito de promoverem uma marca interna que possa distingui-los e diferencia-los no que possuem de mais semelhante aos outros da mesma espécie.

Escolhemos, no entanto, buscar o interior, da forma dita por Carl Gustav Jung. Deste modo, pautamo-nos nos seus estudos, no sentido de que: “Em relação aos conhecimentos da ciência da natureza obviamente possuímos somente nossos órgãos dos sentidos humanos à nossa disposição e dessa forma todos os nossos conhecimentos são compreensões humanas”, por outro lado quando tratamos de questões psicológicas são uma introspecção, somos sujeitos e objetos do conhecimento. E a psique é justamente o que não sabemos a nosso respeito. (JUNG, 2014,p.71)

Possuímos um sistema axial, isto é, um sistema arquetípico que constitui a base de todas as formas conscientes, quer dizer, das formas principais... Consequentemente temos na psique os assim chamados processos conscientes subjetivos _ estes são assumidamente subjetivos _ e as bases psíquicas objetivamente existentes que, estranhamente, não são pessoais, e sim, gerais. É este então o inconsciente coletivo que é impessoal, tão impessoal como, por exemplo, o fígado humano. O fígado humano é mais ou menos o mesmo em um chinês ou em um indiano, em um negro ou em um esquimó. Do mesmo, o coração e as quatro funções básicas vitais são mais ou menos os mesmos. E não são pessoais. (JUNG, 2014, p.74-75).

Assim, nossa busca pelo que o homem possui mais interno_ abrindo o corpo e buscando seus órgãos_ também corresponde à busca da alma, ou do inconsciente arquetípico. O que, além disso, remete à história humana mais primitiva, como a mitologia e a simbologia do corpo. Neste momento, buscamos Mircea Eliade:

Infeliz é a terra que há muito tempo não recebe a semente do plantador e necessita de um bom agricultor, como uma donzela formosa que há muito já devia ter tido um filho e precisa de um bom

marido”. “Aquele que desejar cultivar a terra, ó Spitama Zaratustra! Com o braço esquerdo e o direito, como o braço direito e o esquerdo, a ele a terra dará frutos em abundância” (ELIADE,2005, p.110).

Os rins referem-se à irrigação; uma vez que filtra o sangue e o renova, fornecendo água às células, bem como ao organismo. A irrigação, em nós, como na Terra, é o que garante a reprodução da natureza, das plantas, dos animais e do alimento. É o que garante a vida, assim como o sexo garante nossa procriação. Talvez, por isso, os povos primitivos relacionassem simbolicamente um desenho semelhante às células renais com a figura feminina e o nascimento (VIDAL,1992,p.47).

Além disso, se buscarmos uma simbologia do corpo, como a trabalhada por Jean-Yves Leloup e outros; encontramos na arte rupestre brasileira uma simbologia mais ampla do que inicialmente imaginado. Eis o que ele diz sobre os rins e sua simetria com os pés e as orelhas:

Vocês lembram que colocamos os pés e os rins em relação às orelhas, tendo todos três a mesma forma de semente. Eles são locais de escuta no interior de nós mesmos. Da mesma maneira como é preciso escutar e filtrar as palavras humanas e as informações com nossas orelhas, assim também os rins escutam e filtram as mensagens do sangue... Os rins são também um local de escuta da Palavra que vem do transpessoal. Algumas dificuldades por que passam os nossos rins, das quais nos fala frequentemente os salmos, são indicações de que estamos em uma direção errada, de que nos fatigamos inutilmente. Que o objetivo de nossa vida não é esta excitação, este estresse. (LELOUP, 2012,p.106)

Ainda, sobre a simbologia dos rins, podemos ler os comentários de Hugh Aldersey Williams, a respeito da forma dos rins e do coração, em *Anatomias: uma história cultural do corpo humano*:

O rim tem uma forma quase tão agradável quanto a do coração. Qualquer doce do dia dos namorados que se preze deve ter a forma do coração para que sua finalidade amorosa não se perca. Hoje em dia, porém, nós também encontramos bolos com formato de rim, feitos para comemorar o sucesso de cirurgias de transplante. Seguindo o estilo dos bolos de festas, esses costumam ser realistas a ponto de serem medonhos, às vezes com o ureter e os principais vasos sanguíneos esculpido em glacê em cores codificadas, como se tivessem sido copiados do manual de anatomia. (WILLIAMS, 2016, p.179)

Desta maneira, ao fazermos nossa primeira matriz de xilogravura sobre os rins, ressaltamos seus canalículos, bem como pressupomos o formato de plantas e flores, que também precisam de irrigação. Mas ainda sobre o formato dos rins, ressaltamos sua duplicidade e descobrimos na mesma obra de Williams, o desconhecimento quanto à duplicidade renal e que graças a isso, este foi o primeiro órgão a ser transplantado no ser humano.

Há muitos mistérios que ainda estão por serem revelados, ligados às formas curiosas que o corpo e seus órgãos adotam com o crescimento. Um dos não menos importantes desses mistérios é a questão da explicação por termos dois rins. A regra geral da natureza é nos dar exatamente a quantidade certa de tudo o que nos é necessário, nem mais nem menos... A Federação Nacional dos Rins do Reino Unido diz, porém, que não se sabe por que motivo temos dois rins. Pode ser efeito secundário da duplicidade anatômica geral que produz duas pernas muito cedo no desenvolvimento do embrião... Ou ainda pode ser o legado de alguma necessidade em alguma época distante de nosso passado evolutivo. A maioria dos animais possui dois rins, como nós; mas alguns têm mais. (WILLIAMS,2016, p.181)

Assim, seja devido ao legado de alguma época na evolução humana, ou ainda, para se manter um equilíbrio do mesmo modo como ocorrem com duas pernas, dois ovários, dois pulmões, dois sacos escrotais; os rins são órgãos em duplicidade.

O fato de ser redundante tornou o rim o órgão pioneiro nos transplantes de tecidos humanos. O rim que permanece no corpo de um doador vivo logo cresce em torno de 80%, praticamente restaurando a plena função renal. (WILLIAMS,2016,p.182)

Estas curiosidades aprendidas na história cultural da anatomia, amplia nossa possibilidade de figuração, conseqüentemente de elaboração de um trabalho criativo- poético, que fomos desenvolvendo, graças à possibilidade de interpretações e de relações com outras imagens e formas, que foram surgindo. O que temos, por exemplo, com os pés:

Pés do segundo estágio do corpo, os rins simbolizam a sede de toda a energia que animará o humano em seus casamentos exteriores com o outro e interiores, consigo e com o universal. Com seu formato de germe, como os pés, os rins relembram que a perfeição atingida no estágio inferior, o do TER, nesse novo patamar do SER é somente uma semente... No ventre materno, o corpo inteiro exprime essa vocação de fazer-se ouvidos para que o Homem se torne Verbo, como uma tematização inicial do humano. Com suas arvorezinhas formadas por canais e canalículos, os rins evocam a

respiração abdominal, a pulsação interior do sopro no triângulo da pélvis. Respiração abdominal silenciosa de quem medita e escuta. (MIRANDA, 2000, p.117)

Esta abertura de canais e canalículos, procuramos retratar na produção de nossa primeira matriz de xilogravura, mostrada na figura 4, bem como a importância da irrigação na natureza, com suas figuras florais. Consequentemente, também relacionamos com a procriação, visto que as flores são os órgãos femininos de reprodução nas plantas. Logo, nosso desenho de canalículos sugere pétalas. Abaixo, colocamos a citação de Eduardo de Miranda, relacionando os rins aos órgãos sexuais:

Como já foi evocado, nas primeiras semanas de vida intrauterina, os órgãos da audição se confundem com os da fonação. O mesmo acontece com os rins e os órgãos sexuais. Eles só se distinguem após certo período de tempo. Mas os rins se lembrarão dos órgãos sexuais, assim como a voz se lembrará sempre dos ouvidos e o feto inteiro de sua placenta... Com sua enorme rede arborescente de canais e canalículos, eles mantêm o equilíbrio e devolvem ao sangue os elementos purificados de que o corpo necessita. (MIRANDA, 2000,p.118-119)

Nosso trabalho remete à origem, assim como a vida sobre a Terra surgiu da água:

A vida sobre a Terra surgiu na água. Voltamos à água para reatar com a vida e nos purificar. A água que circula nos purifica, nos lava de nossos equívocos e ilusões, mas sobretudo nos transforma. (MIRANDA,2000,p.119)

A relação simbólica dos rins com a purificação da alma, com a transformação interna do ser humano, é a simbologia mais percorrida por Miranda. Nós a utilizamos, assim como utilizamos a linguagem bíblica e a cabala hebraica, que tratam da simbologia dos rins assim como de outros órgãos e outras partes do corpo.

A voz de Deus se ouve no silêncio que participa de uma forma renal da água e do sangue. É sempre uma surpresa ser chamado do fundo do Ser. Sentir-se esperado, desejado, por um Si que é mais que o nosso si-mesmo. Por um Todo Outro que si-mesmo. Pelo Desconhecido das profundezas. Ao ir em busca de nós mesmos, ao sondar nossos rins, quanto mais nos aproximamos de nosso nome, mais nos acercamos de Deus...Os rins presidem a passagem da água ao sangue, transmutado em Espírito e a passagem do sal ao fogo, transmutado em luz. (MIRANDA,2000,p.121)

Além de Eduardo de Miranda, Souzenelle, que também é referência do primeiro, faz uma interpretação simbólica dos rins. E fazemos uso destas informações como

pesquisa referencial, tendo sempre em mente a possibilidade de a explorarmos em outras manifestações artísticas.

Os rins são símbolo de força e de fragilidade. Eles se situam na articulação do primeiro triângulo de água e o novo estágio do fogo sobre o qual se enxertará o bloco áudio-vocal. Eles participam da vida genital e estão na base da realização do Homem no seu processo de geração de si mesmo para si mesmo, até o seu tornar-se Verbo...os rins se lembram dos órgãos de procriação como a voz se lembrará do ouvido e como o feto como um todo se lembrará da sua placenta...as glândulas suprarrenais secretam hormônios sexuais e produzem a adrenalina, que tem poderes sobre o sistema nervoso simpático, vasoconstritor e tonificante.(SOUZENELLE, 1995,p.154)

Nesta exploração de outras manifestações artísticas, grafitamos pedras são tomé e montamos uma instalação com pedras, no formato de lápides 22x47x2cm. O que demonstramos na figura seguinte:



Figura 5: LIMA, S. *Jardim*, 2017
Instalação permanente formada por 12 pedras são tomé, 22x47x2cm
Espalhadas num espaço de cerca de 10m²
Rabeca Cultural, Sousas, Campinas-SP

A figura 5 demonstra como saímos da pintura e gravura em pedras, da arte rupestre brasileira, para montarmos uma instalação composta pela disposição de pedras são tomé, as mesmas utilizadas para bordas de piscina, devido à sua absorção de água. E fizemos variações de desenhos de células, conforme encontramos em livros de biologia. Pode-se observar que na pedra central nesta fotografia, a imagem no meio

e à direita são grafitagens de estêncis que elaboramos, no intuito de deixar nossa marca na pedra. Assim como afirma Didi-Huberman em *La Ressemblance par Contact: archéologie, anachronisme et modernité de l’empreinte*, que a gravura não se trata apenas de uma forma de reprodutibilidade técnica, porém, é um meio do homem (artista) deixar sua marca. Creio que sua observação tem serventia quando estudamos arte rupestre, assim como quando pensamos em arte contemporânea.

Mas seja qual for a representação simbólica, esta é sempre norteada pelo conhecimento científico que possuímos atualmente, acerca das funções de nossos órgãos, de nossas células, bem como suas imagens.

Essencialmente filtro no nível do sangue, o rim é homólogo do pé, que filtra as informações da terra e, na qualidade de germe-feto, filtra as informações percebidas através do líquido amniótico...Essa escuta é tanto a função do pé quanto a do rim... O rim seria então um sobressalente para essa ‘escuta’. Seu nome grego nefros... é a mesma palavra que phrenos invertido, que fornece a raiz para o português rim. ..phroneo é o verbo ‘pensar’, phronis é ‘bom senso’, e phronesis é ‘pensamento’, a própria sabedoria. O rim que ouve, que escuta, é...a sede do pensamento, e mesmo da sabedoria. Deus sonda os rins e os corações (Sb, 1:6). O rim deve desempenhar um papel importante na escuta intuitiva e num entendimento paranormal. (SOUZENELLE, 1995, p.154-155)

Primeiramente, consideramos que os rins são órgãos responsáveis pela filtragem da água no nosso organismo _ substância que participa de noventa por cento da composição de nossas células, bem como três quartos do nosso planeta. Além de considerar que este elemento é necessário para a existência de vida como a conhecemos.

Meu trabalho artístico começou com o entalhe em MDF de sete órgãos que consideramos fundamentais: coração, cérebro, pulmão, fígado, pâncreas, rins e útero. Depois de entalhar os órgãos, considerando a ampliação da visão graças aos recursos tecnológicos, cheguei à forma das células humanas. Na realidade, selecionei aquelas que representam estes órgãos, como as células renais.



Figura 6: LIMA, S. *Alegria*. 2016 Fotografia de desenho com grafite e nanquim sobre a digitalização de um pedaço de topo, 21x29 cm sem moldura

A figura 6, uma fotografia de desenho em grafite e nanquim sobre digitalização do pedaço de topo, surgiu pela preocupação em planejar um desenho antes de entalhá-lo a fim de não desperdiçar o pedaço de topo; o que é bem difícil de conseguir para se realizar um trabalho de gravura de topo. Enfrentamos problemas como achar um tronco de árvore que pudesse ser cortado e encontrar um madeireiro com equipamento e autorização para fazer o corte no tamanho necessário. Esta fotografia, portanto, foi parte do processo de produção e acabou se tornando um objeto em exposição, conforme mostramos na figura 7, que apresenta outras fotografias de outros desenhos utilizados no processo.



Figura 7: LIMA, S. *Doçura e Raiva*, 2017
Fotografias nas dimensões 19x29cm sem moldura.
Expostas na Rabeca Cultural, Sousas, Campinas

Finalmente, acabamos este processo, transformando os mesmo desenhos feitos na digitalização das matrizes de topo em imagens de serigrafia, que ficaram nas cores marrom, vermelho e laranja, conforme demonstra a figura 8. Pensamos, o tempo todo, em utilizar cores supostamente semelhantes às encontradas nos órgãos internos, ao mesmo tempo, em que descobrimos que os indígenas, ao fazerem sua arte rupestre, utilizavam as cores: branco, preto, vermelho, marrom e laranja. Por isso, damos preferência à utilização das mesmas cores em toda nossa produção que utiliza os órgãos do corpo humano como *pathos*. Além disso, ao fazermos grafite nas pedras são tomé, conforme apresentado na figura 6, também fazemos referência à arte rupestre e ao grafismo indígena. (JORGE;PROUS e RIBEIRO, 2007, p.218)



Figura 8: LIMA, Silvia. *Feminina*. 2016. Serigrafia nas cores marrom, vermelho e laranja sobre papel vegetal, 21x30 cm.

Concluo deixando mais perguntas do que respostas. Esta é uma busca por mim mesma, através da produção de imagens de nossos órgãos e células. Descobrimo a estética na ciência e na vida; assim como buscando o que existe de mais individual, ao mesmo tempo, em que se trata do que podemos encontrar de mais humano e coletivo. Talvez por isso, a arte rupestre brasileira, já retratasse em sua simbologia formas que só encontramos atualmente graças aos exames tecnológicos. Inconsciente coletivo? Deuses astronautas? Não sabemos; apenas indicamos semelhanças que podem ser estudadas pelas ciências biológicas, assim como pela antropologia ou psicologia. Também não proponho novas tecnologias para se fazer gravura. Escolhi a gravura por predileção assim como explorei a utilização de estêncis e a serigrafia. Fazem coerência no trabalho, uma vez que uso o que escolho a fim de viajar para dentro de mim mesma. O interessante é que esta viagem é particular; mas possui semelhanças com qualquer outra. Logo, o particular faz-se universal; uma vez que temos semelhanças como ser humano.

Referências

ELIADE, Micea. *O Conhecimento Sagrado de Todas as Eras*. São Paulo, Mercuryo, 1995.
JORGE, Marcos; PROUS, André e RIBEIRO, Loredana. *Brasil Rupestre*. Curitiba, Zencrane Livros, 2007.

- JUNG, Carl Gustav. *Sobre Sentimentos e a Sombra*. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2ª ed., 2005.
- LELOUP, Jean-Yves. *O Corpo e seus Símbolos: uma antropologia essencial*. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 20ªed., 2012.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo de. *Corpo: Território do Sagrado*. São Paulo, Loyola, 2ª ed., 2000.
- ORTEGA, Francisco. *O Corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro, Garamond, 2008.
- SOUZENELLE, Annick de. *O Simbolismo do Corpo Humano: da árvore da vida ao esquema corporal*. São Paulo, Editora Pensamento., 10ª ed., 1995.
- VIDAL, Lux. *Grafismo Indígena*. São Paulo, EDUSP, 1992.